

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

“Julio de Mesquita Filho”

Instituto de Artes – Campus São Paulo

JOÃO PEDRO NERO PEREIRA

ENTRE CONTOS E CONFORMIDADES:

fantasia como refúgio

São Paulo

2024

JOÃO PEDRO NERO PEREIRA

ENTRE CONTOS E CONFORMIDADES:

fantasia como refúgio

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção de grau em Licenciatura em Artes Visuais, pelo Instituto de Artes Universidade Estadual Paulista em 2024.

Orientador(a): Profa. Dra. Renata Pedrosa Romeiro

Coorientador(a): Me. Levi Fernando Lopes

São Paulo

2024

Ficha catalográfica desenvolvida pelo Serviço de Biblioteca e Documentação
do Instituto de Artes da UNESP. Dados fornecidos pelo autor.

P436e Pereira, João Pedro Nero, 2002-

Entre contos e conformidades : fantasia como refúgio / João Pedro Nero Pereira. -- São Paulo, 2024.

46 f. : il. + anexos

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Renata Pedrosa Romeiro.

Coorientador: Prof. Me. Levi Fernando Lopes.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Artes Visuais) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Artes.

1. Arte na educação. 2. Criação (Literária, artística, etc.). 3. Arte de contar histórias. 4. Arte fantástica. 5. Ficção fantástica. I. Pedrosa, Renata (Renata Pedrosa Romeiro), 1967-. II. Pinto, Levi Fernando Lopes Vieira (Levi Fernando Lopes), 1991-. III. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes. IV. Título.

CDD 707

Bibliotecária responsável: Catharina Silva Gois - CRB/8 11323

JOÃO PEDRO NERO PEREIRA

ENTRE CONTOS E CONFORMIDADES:

fantasia como refúgio

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção de grau em Licenciatura em Artes Visuais, pelo Instituto de Artes Universidade Estadual Paulista.

Data de Aprovação: 29/11/2024

Banca Examinadora

Profa. Dra. Renata Pedrosa Romeiro

UNESP – Orientadora

Me. Levi Fernando Lopes

UNESP – Coorientador

Profa. Dra. Ivana Soares Paim

IFSP

Prof. Dr. Tiago Antunes

IFSP

AGRADECIMENTOS

Em meio a tantos seres de meu imaginário, apenas tenho a agradecer as pessoas do mundo real em meu entorno.

Em primeira instância, agradeço a minha família, principalmente meus pais e minha avó que tanto me estimularam a continuar no meio artístico. Sem eles, eu jamais estaria onde estou agora.

Agradeço a todos meus amigos e colegas que me suportaram discutir sobre orcs e goblins diariamente. Em especial, sou muito grato a ajuda que Rafael Feitosa e Enzo Crivellaro dispuseram ao longo do desenvolvimento deste projeto.

Profundamente agradeço todos os professores que me acompanharam durante esta jornada, principalmente Renata Pedrosa e Levi Fernando Lopes no meio acadêmico da UNESP, assim como Jonas, que tanto me ajudou com meus desenhos todo sábado matinal.

Por fim, preciso agradecer a Pearl Jam e Nirvana. Sem sua música, minhas tardes inteiras escrevendo seriam demasiadamente entediantes.

RESUMO

O trabalho em mãos descreve reflexões sobre o papel artístico e pedagógico que a criação e contação de histórias fantásticas teve em minha vida, culminando na elaboração de uma oficina para jovens alunos com ênfase na produção de literatura fantástica e *worldbuilding* como forma de conceber novos entendimentos de nossa realidade. Início comentando sobre o papel que histórias fantásticas tiveram em minha vida, principalmente no meio escolar assim como no Instituto de Artes da UNESP, até minha eventual desejo em estudar essa área e os contatos e referências que me levaram a compor este trabalho de conclusão de curso.

Palavras-Chave: fantasia; memória; contação de histórias; worldbuilding; literatura; escrita, educação; aprendizagem; reflexão.

ABSTRACT

The essay in hand describes reflections on the educational and artistic role that the creation and telling of fantastic stories had in my life, culminating in the elaboration of a workshop for young students with an emphasis on the production of fantastic literature and worldbuilding as a way of conceiving new understandings of our reality. I begin by commenting on the role that fantastic stories had in my life, mainly in the school environment as well as at the UNESCO Institute of Arts, until my eventual desire to study this area and the contacts and references that led me to compose this course completion work.

Key words: fantasy; memory; storytelling; worldbuilding; literature; writing, education; learning; reflection.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	13
2. CRIAR E CONTAR	15
3. POR QUE CRIAR E CONTAR?	27
4. COMO CRIAR E CONTAR?.....	33
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS	45

1 INTRODUÇÃO

Neste projeto de pesquisa, procuro refletir a respeito do papel pedagógico e artístico que a criação e contação de histórias fantásticas tiveram em minha vida, especialmente durante meu trajeto como graduando no curso de Licenciatura em Artes Visuais pela UNESP, culminando na elaboração e desenvolvimento da oficina de autoria minha "Horto de Histórias".

No decorrer da elaboração deste trabalho de conclusão de curso, ponderei sobre o influência transformadora e educativa que contemplos narrativas à respeito de nossa realidade podem trazer a um aluno, e embasando-me em textos e livros como *Acordais: Fundamentos Teóricos-poéticos da Arte de Contar Histórias* (MACHADO, 2004), *Ensinando Pensamento Crítico* (hooks, 2020), *Pedagogia do Oprimido* (FREIRE, 1987) e *Trajetórias de um fio de rio* (PRADES, 2019) consegui delinear um roteiro curso com o mesmo objetivo mencionado acima.

A estruturação do documento o divide em três capítulos, obedecendo cronologicamente as ocorrências e experimentações que me levaram a realização do projeto. Em *Criar e Contar*, procuro explicar como o gênero fantástico literário chegou a minha pessoa, expondo principalmente experiências com familiares, no meio escolar e no meio acadêmico, relatando determinados eventos que moldaram meu interesse à fantasia. Em *Por que Criar e Contar?*, evidencio a importância que a criação de histórias desempenhou em minha vida e como tal prática poderia também desenvolver a artisticidade e sendo crítico de muitos alunos. Por fim, no capítulo *Como Criar e Contar?*, sigo dissertando sobre os objetivos que desejo alcançar com a elaboração do curso "Horto de Histórias" e finalizo apresentando o roteiro das aulas previstas não longo da elaboração da oficina.

2 CRIAR E CONTAR

No decorrer de toda concepção e desenvolvimento deste TCC, uma das sensações que mais me atingiram ao longo do processo foi uma profunda intriga. Enquanto rememorava minha infância, percebi a abundância de fatores que me inspiraram a continuar escrevendo, muito antes de eu ter tido qualquer contato com o meio do RPG¹ ou da ficção especulativa². Conseqüentemente, posso pressupor que a definição temática deste trabalho seja apenas a mim inata.

A contação de histórias foi primeiro trazida por meus parentes mais próximos, principalmente meus pais e minha avó. Minha mãe, sendo uma professora de inglês, sempre me incentivou bastante a escrever e em casa sempre possuíamos diversos livros de contos, mitos ou fábulas. Até 2012, ela trazia semanalmente novos livros emprestados de bibliotecas para lermos antes de dormir, e muitos deles exerceram uma influência tão grande sobre meus interesses que perduram até hoje. Dois em questão que ainda me lembro com bastante carinho são *The Stinky Cheese Man and Other Fairly Stupid Tales* (O Homem do Queijo Fedido e Outros Contos Bastantes Estúpidos, tradução nossa), escrita por Jon Scieszka³ e ilustrada por Lane Smith e a série *Seriously Silly Stories* (Histórias Sericamente Bobas, tradução nossa.), de Laurence Anholt⁴, ambas desconstruções de contos infantis clássicos.

Meu pai também esteve presente nessa formação, trazendo seu amor por histórias orais mesmo que de forma menos frequente. Natural de uma pequena cidade rural do interior paranaense, sua família possuía o hábito muito comum de relatar causos e histórias de assombrações, e ele por sua vez, geralmente quando a energia em nosso prédio caía ou durante longas e tediosas viagens de carro, decidia contá-las para mim. A raridade daquele instante

¹ Acrônimo coloquial para *Role-playing game*, ou “jogo de interpretação de papéis”, onde jogadores assumem o papel de personagens e constroem uma narrativa colaborativamente através de suas ações.

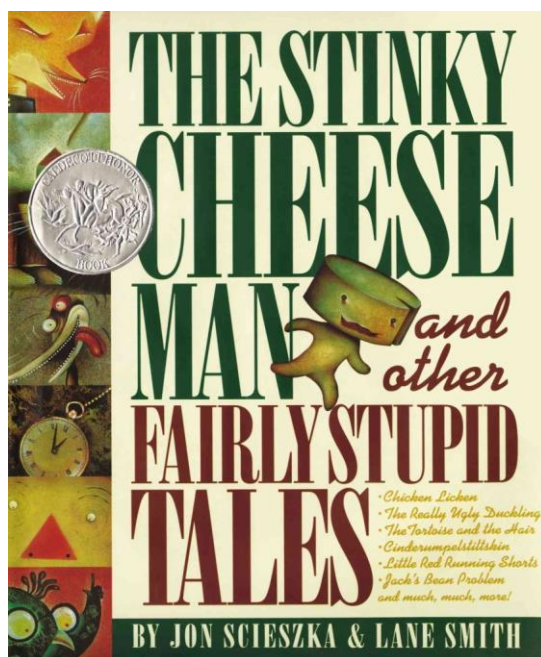
² Gênero literário que abrange a literatura de ficção, englobando trabalhos que especulam sobre mundos que diferem do nosso de diferentes maneiras. Nele, são geralmente incluídos a ficção científica, a fantasia e o horror.

³ Autor infantil estadunidense conhecido principalmente por seus livros ilustrados em colaboração com Lane Smith, é padroeiro nacionalmente reconhecido pelo ato da leitura desde jovem, escrevendo trabalhos para “fazer crianças rirem”.

⁴ Autor e ilustrador inglês de mais de duzentos trabalhos em trinta línguas diferentes, cobrindo livros- ilustrados a ficções adultas. Suas obras infantis são reconhecidas por abordarem temas importantes a crianças por meio de uma abordagem calorosa e bem-humorada, utilizando ilustrações peculiares com vívidas aquarelas.

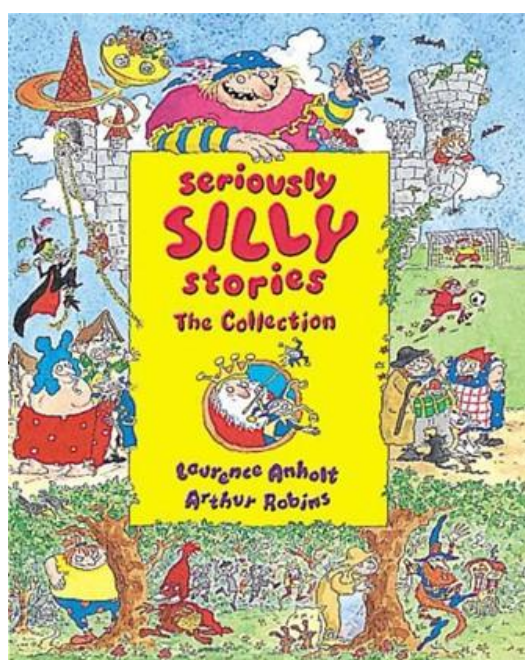
sempre me cativava demais e mesmo que os contos saídos da boca de meu pai me amedrontassem profundamente, empenhava-me em contar meu terror de qualquer forma possível.

Figura 1 – Capa de “Stinky Cheese Man and Other Fairly Stupid Stories”



FONTE: SMITH, LANE (1992)

Figura 2 – Capa de “Seriously Silly Stories: The Collection”



FONTE: ROBINS, ARTHUR (1999)

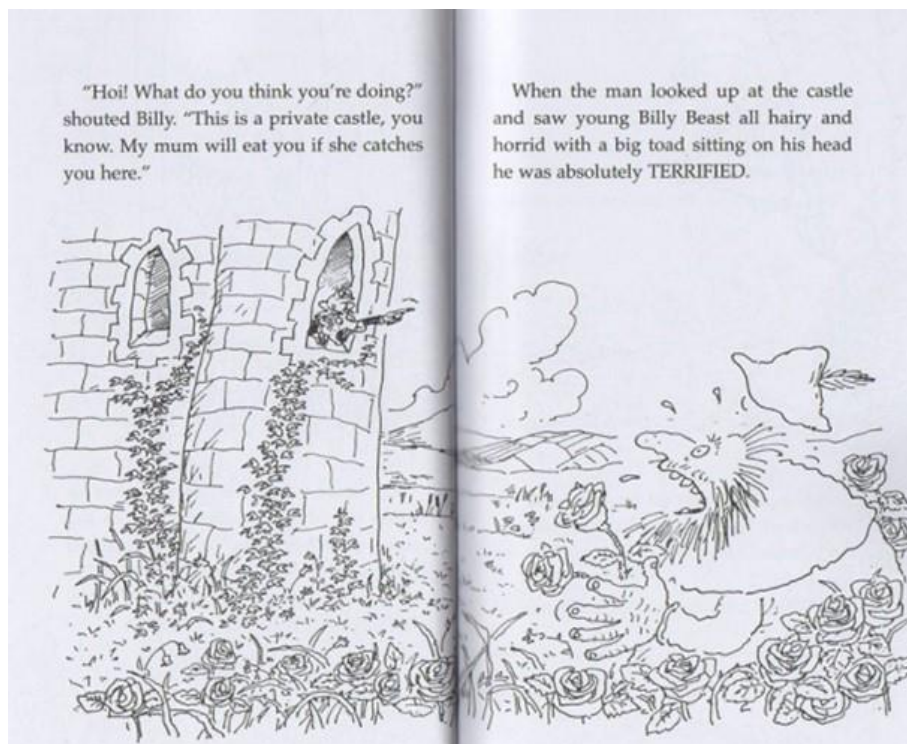
Figura 3 – “Stinky Cheese Man and Other Fairly Stupid Stories”, pp. 18 - 19

Well, as it
turned out, he
was just a really
ugly duckling.
And he grew
up to be just a
really ugly duck.
The End.



FONTE: SMITH, LANE (1992)

Figura 4 – “Seriously Silly Stories: The Collection”, pp. 8 - 9



FONTE: ROBINS, ARTHUR (1999)

Por fim, minha avó misturou um pouco dos dois, e tanto a contação quanto a leitura foram bastante incentivados por ela. Sendo a criança enérgica que era, ela costumava narrar

histórias antes de eu dormir como forma de apaziguar toda aquela ansiedade e a prática na maior parte das vezes surtia efeito. As histórias variavam entre fábulas reflexivas, canções de ninar e itinerários para animais marinhos, mas de tempos em tempos, recordo-me dela introduzir alguns conceitos cristãos, fossem orações, feitos de Jesus em vida ou histórias do primeiro testamento. Por mais que hoje eu reconheça essas intervenções de minha avó como uma imposição religiosa, é inegável dizer que se não fosse por este meu primeiro contato, jamais teria o interesse em explorar o conceito “religião” em meus trabalhos como tenho hoje.

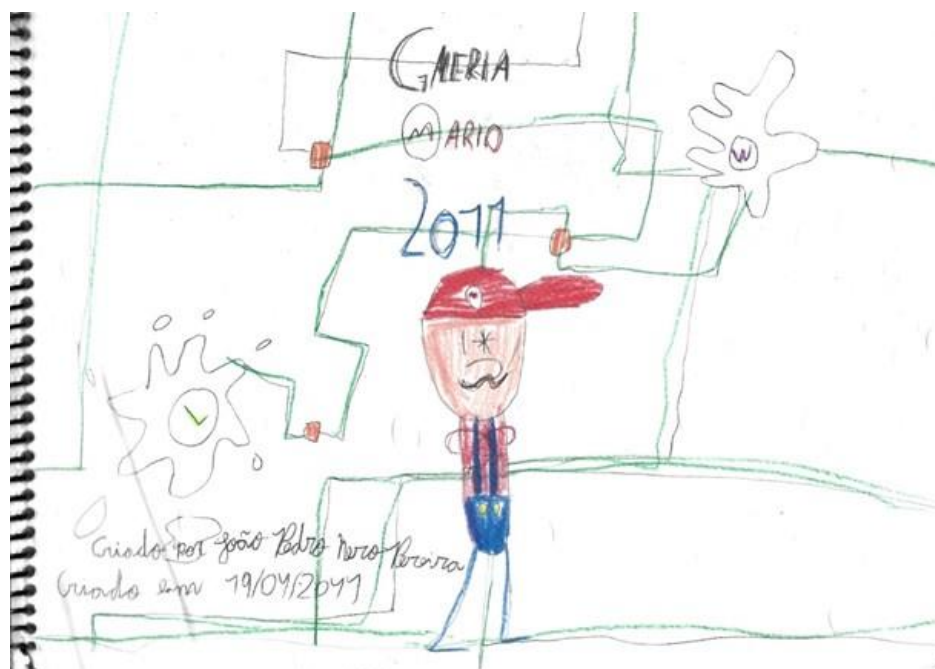
Toda essa forte fonte de inspirações me entusiasmou bastante, e graças a influência de minha família, comecei a inventar histórias sozinho. Me recordo de frequentemente criar pequenos universos para tudo que eu consumia quando pequeno, fosse para meus brinquedos, pelúcias, desenhos animados ou até mesmo bolas de borracha. Consegui misturar até mesmo minha prática de desenho com alguns desses veículos, e com algumas fitas que minha mãe possuía, construía enciclopédias rudimentares com ilustrações de bactérias ficcionais, super-heróis nauseabundos ou personagens de jogos eletrônicos.

Figura 5 – Capa de “Galeria de Ação Super Peido”



FONTE: NERO, JOÃO PEDRO (2010)

Figura 6 – Capa de “Galeria Mario 2011”



FONTE: NERO, JOÃO PEDRO (2011)

Em 2008, meus pais me matricularam na EMIA, uma escola municipal de iniciação artística localizada próximo à estação de metrô Conceição. A maior parte do meu desenvolvimento artístico quando menor se deu nessa instituição, onde semanalmente explorávamos dança, música, artes plásticas e teatro. Este último, particularmente, tinha grande ênfase em contação de histórias e narrativas, e lembro-me com muito carinho algumas atividades que realizei com meus colegas, fossem peças sobre o folclore brasileiro ou diferentes interpretações de um teatro de sombras antológico. Embora tivesse sequer a percepção na época, hoje consigo compreender esse período de experimentação como um dos principais fatores que me levaram a apreciar ainda mais o descrever narrativo, e relacionando-o ao episódio seguinte, ambos estabeleceriam de fato essa minha paixão.

No mesmo ano, enquanto visitava o Sesc Vila Mariana com meus pais e alguns de meus amigos, trombei ao acaso com uma pequena oficina de RPG na ludoteca do sétimo andar. Intrigados por aquela inesperada atividade, decidimos participar de uma sessão e embora eu mal soubesse o que jogos de interpretação fossem, fiquei completamente imerso ao longo da breve jogatina, envolvendo viajantes temporais tentando impedir o assassinato de um recém-coroadado Dom Pedro I. A experiência me impactou de tal forma que por algumas semanas toda

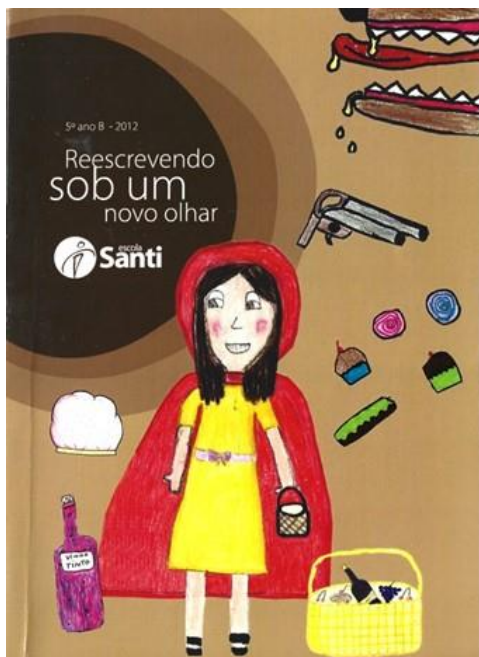
reflexão em minha mente retornava ao tema RPG, e inspirado por tudo aquilo que havia acabado de vivenciar, decidi criar meus próprios cenários em meio daquele universo tão rico e vasto. Minhas primeiras histórias envolveram conceitos mais absurdos, como o pirata Barba Negra, a rainha Cleópatra e criaturas míticas dos oceanos, incorporando os aspectos fantasiosos que antes empregava em minhas brincadeiras, e embora tivesse poucas oportunidades de gerenciá-las como antes naquela oficina, seguia imaginando cenários cada mais fantásticos conforme seu desenrolar.

Em 2009 fui matriculado em uma nova escola para iniciar o Ensino Fundamental I e infelizmente minha chegada não foi muito bem recebida pelos demais alunos. O terrível *bullying* que eu sofria dia após dia me fez se isolar de tudo e todos ao meu redor e como forma de evitar meus agressores durante o intervalo, costumava passar todo o período na biblioteca. Naquele ambiente conheci a bibliotecária Iolanda Paneque, e simpatizando com minha situação, me indicou uma série de livros apinhados de variados folclores e mitologias que me fizeram apaixonar ainda mais pela fantasia que já empregava. Com o passar dos anos, jogos e filmes também firmaram meu interesse ao gênero multimidiático da ficção especulativa, com *World of Warcraft* e “O Senhor dos Anéis” sedimentando tal apego.

Devido as aulas de língua portuguesa na escola e conselhos de minha mãe, que sempre me instruía a exercer minha criatividade, por volta de 2011 comecei a planejar e escrever pequenos contos com base nas referências que possuía na época, registrando pequenos excertos de textos teatrais envolvendo monólogos ou diálogos entre dois ou mais personagens. Enquanto relembrava eventos passados para a realização deste TCC, constatei que a maioria dos trabalhos escolares que fiz ao longo do Ensino Fundamental I envolveram escrita de alguma forma, e um deles em questão, sempre aparentou ser o mais perceptível ao meu olhar.

Em 2012, quando cursava o 5º Ano, como trabalho final minha professora nos passou a tarefa de reescrever “Chapeuzinho Vermelho” na perspectiva de algum personagem presente na trama. No decorrer do projeto, optei pela visão da Lobo Mau e inspirado pelas referências que já tinha, principalmente os conceitos fantásticos e absurdistas e a desconstrução de contos que havia lido tantos anos antes, segui por um caminho que embora não fosse *ipsis litteris* da Chapeuzinho Vermelho original, ainda em seu cerne representava a história, apenas com uma interpretação diferente. Para minha surpresa, a professora não apenas me pediu para rescrever toda a história como me penalizou com uma nota mediana e no fim das contas, meu trabalho final ficou idêntico a todos os demais.

Figura 7 – Capa de “Reescrevendo sobre um novo olhar”



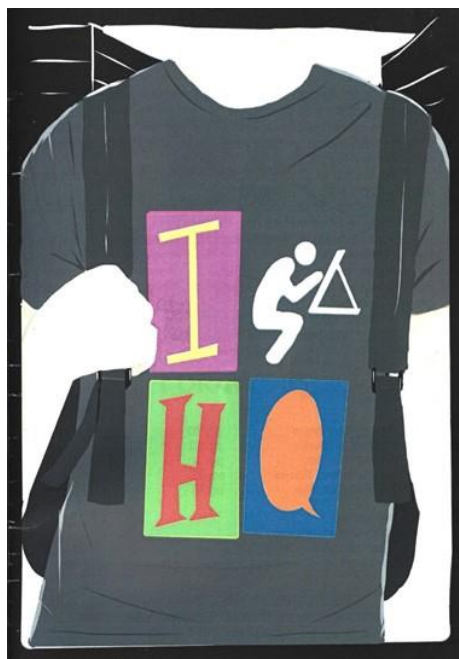
FONTE: NERO, JOÃO PEDRO (2012)

Refletindo comigo mesmo enquanto escrevo neste instante, pressuponho que esse tenha sido um dos principais motivos para a estagnação de minha escrita e me recordo de ter ficado bastante aborrecido pela conduta de minha professora, simplesmente cessando a produção de qualquer conteúdo escrito autoral que antes realizava pelos próximos anos. Além disso, algumas reprovações provenientes de meus pais a respeito do material que pesquisava para embasar-me no que vinha escrevendo, envolvendo demônios e seres infernais presentes no cristianismo, também me desanimaram veemente e minha atenção nesse meio tempo ficou voltada a outras concepções ao menos, e dediquei-me sobretudo ao desenho e música.

Nesse período, me interessei principalmente por histórias em quadrinhos e graças aos contatos de um de meus ex-professores na EMIA, Marcos Venceslau, pude participar por dois anos da oficina “Fanzines nas Zonas de Sampa”, um projeto de quadrinhos independentes que ocorria pelas bibliotecas públicas de São Paulo. Entre 2013 e 2014 frequentava toda quarta-feira a Biblioteca Municipal Viriato Corrêa próxima a estação Vila Mariana e lentamente minha paixão por narrativas foi sendo reerguida. Como trabalhos, criei duas histórias um tanto absurdistas, a primeira envolvendo um conflito de três facções de anticorpos, bactérias e tumores dentro do corpo humano e a segunda demonstrando a invasão de uma base militar controlada por coelhos nazistas. Embora hoje me lembre destes quadrinhos com um pouco

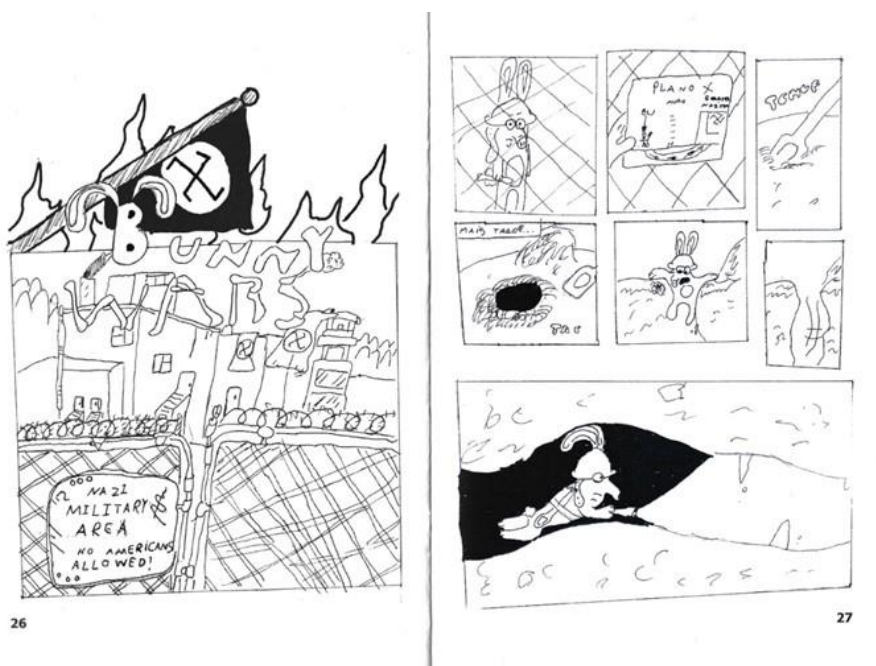
de constrangimento, é inegável dizer como a oficina foi significativa para minha formação artística e literária.

Figura 8 – Capa de “I Draw HQ”



FONTE: NERO, JOÃO PEDRO NERO (2014)

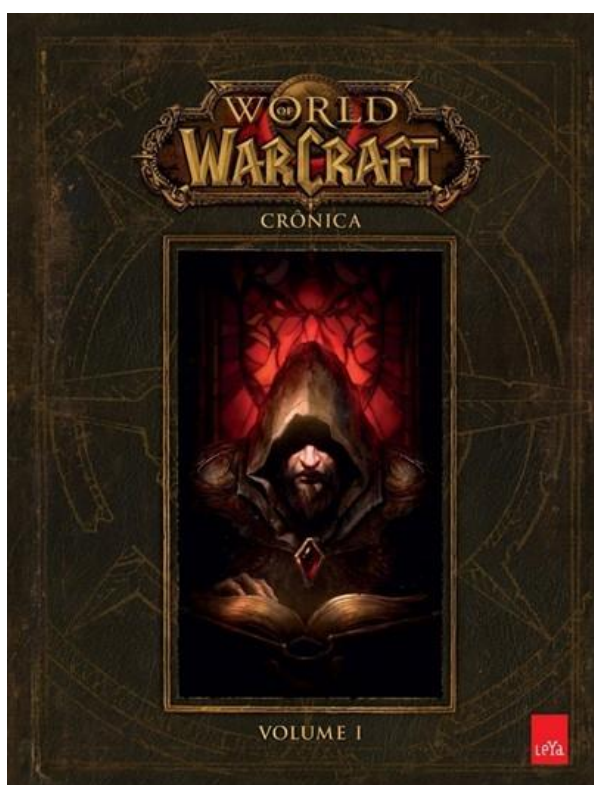
Figura 9 – “I Draw HQ”, pp. 26 -27



FONTE: NERO, JOÃO PEDRO (2014)

Pelo restante do Ensino Fundamental I ocasionalmente escrevia novos contos e brinquei com algumas outras estruturas e gêneros novos, compondo alguns poemas e crônicas. Meu olhar seria apenas voltado para a fantasia pela metade de 2016, quando recebi de aniversário o livro *World of Warcraft: Chronicle*, praticamente uma enciclopédia ilustrando detalhe por detalhe de um universo místico. Se isso não bastasse, pouco tempo depois comecei a ouvir o podcast brasileiro *Nerdcast*⁵ e me familiarizei com seus “Especiais de RPG” anuais, consolidando mais uma vez meu interesse e fazendo aquela paixão pelo meio que tinha em 2008 retornar novamente.

Figura 10 – Capa de “World of Warcraft: Chronicle”



FONTE: LEE, PETER C. (2016)

Cursando o Ensino Médio em 2017, conheci alguns amigos que também se interessavam por jogos de interpretação de personagem e no começo de 2018 formamos um grupinho para jogar *Dungeons & Dragons*, um dos sistemas e universos de RPG mais disseminados pelo mundo. A riqueza de detalhes que cada seção exprimia me inspirou a criar um mundo de autoria própria para meus amigos se aventurarem e por diversos meses ergui tijolo por tijolo do que

⁵ Criado por Alexandre Ottoni e Deive Pazos em 2006, têm ênfase es temas recorrentes da cultura pop, mas ocasionalmente também aborda tema históricos, tecnológicos ou políticos bastante presentes em nossa sociedade atual. Disponível em: <https://jovemnerd.com.br/podcasts/nerdcast>.

viria a ser minha campanha. Para minha infelicidade, diversos fatores me impediriam de propriamente gerenciar o encontro que tanto havia desejava, e durante o período atuei apenas como jogador.

Embora me alegrasse demais ao compor aquela história que tanto me instigava, a pressão que o Ensino Médio colocava sobre minhas costas era pesada demais para carregar e junto a experiência miserável que as aulas eram, gradualmente fui me isolando de tudo e todos. Os três anos que cursei foram uma experiência bastante deplorável e como forma de conter a depressão que me assolava a cada instante, utilizei a escrita e o desenho como forma de tentar expressar toda aquela angústia que sentia. Esse entendimento veio como uma luz a mim, e apenas me sentia bem quando minhas mãos seguravam um lápis e borracha. Naquele instante, soube realmente o que queria fazer da vida e decidi que iria cursar Artes Visuais.

Com base na minha vivência escolar e histórico de notas, não esperava de forma alguma que em 2020 eu seria aprovado pela UNESP e pela primeira vez em um bom tempo pude respirar em alívio sabendo que em diante estudaria aquilo que realmente amava. Durante minha matrícula, enquanto decidia quais cursos de Artes Visuais prestar, sinceramente não me recordo de olhar para Licenciatura com tanto desejo. De antemão, meu principal interesse estava em progredir minhas habilidades artísticas e seguir por este rumo. Porém, me lembrei daqueles instantes quando mais jovem onde bloquearam meu potencial criativo, e refletindo a esse respeito, almejando fazer com que mais nenhum aluno passasse pelo que sofri, optei por cursar Licenciatura junto ao Bacharelado, ambicionado fazer a diferença caso atuasse como professor.

As primeiras duas semanas foram maravilhosas, conhecendo pessoas de origens tão diferentes e descobrindo aspectos das artes que eu sequer tinha pensado. Uma das minhas primeiras formas de socialização inclusive, foi sugerir a criação de uma mesa para jogarmos RPG. E infelizmente, no começo de março, a OMS declarou oficialmente a pandemia de Covid-19 pelo mundo e mais uma vez me vi distante daquilo que tanto me agradava.

Apesar da imensa frustração sentida, tentei me ocupar com diferentes atividades enquanto estava preso em casa e me lembrando daquele protótipo de aventura que tanto desejava reger anteriormente, por mero acaso decidi fazer alguns mapas para ilustrar tal mundo. Os planos para progressão de minha campanha seriam desviados por um breve momento graças a demandas maiores em minha rotina, mas pela metade de 2021, ainda restrito pela pandemia, novamente tive a chance de observá-los. Embasado minimamente naqueles rabiscos, comecei a porventura escrever sobre um dos povos que poderiam habitar suas terras, e quando menos

percebi, já havia desenvolvido pelo menos seis páginas de conteúdo. Minha motivação nesse instante foi totalmente lançada em seguir compondo aquele universo.

É importante ressaltar naquele instante eu ainda não havia compreendido o RPG ou a escrita que realizava como uma extensão do meu percurso artístico; simplesmente realizava aquilo pois trazia alívio e felicidade naquele instante tão complicado. Foi apenas quando conversei brevemente com o Prof. Pelopidas Cypriano que me dei conta disso, quando ele constatou que o que eu vinha escrevendo poderia ser transformado em um Trabalho de Conclusão de Curso e refletindo sobre suas palavras, fiquei bastante inspirado para levar este meu projeto de paixão ao meio acadêmico.

Em 2022, quando finalmente pude retornar ao Instituto de Artes da UNESP presencialmente cursei matérias regidas por Levi Fernando Lopes e Renata Pedrosa, inclusive realizando performances envolvendo RPG e interpretação de papéis na matéria desta última. Após uma série de conversas com os dois, já sabia com quais orientadores desejava realizar meu TCC e decidi seguir meu projeto com duas vertentes: tanto para Bacharelado quanto para Licenciatura.

3 POR QUE CRIAR E CONTAR?

A reflexão que mais veio a minha cabeça enquanto escrevia este TCC foi uma profunda nostalgia, um sentimento muito agradável e tenro ao vivenciar mais uma vez todos aqueles contos que costumava escrever com tanto esmero e paixão quando mais novo. A fantasia que empregava em meio a minhas histórias não apenas as tornava únicas, mas também me ajudava a esquecer a agressão e descontentamento que suportava enquanto na escola. Em meio a ela, eu conseguia explicitar tudo que vinha sentindo, extravasar todo aquele ressentimento que permeava minha mente dia após dia e uma verdadeira paz tomava meu corpo enquanto me mantinha focado na escrita

O refúgio que tinha encontrado em meio as histórias conseguia fazer toda aquela violência que me acometia diariamente de uma hora para outra deixar de existir, algo refletido por Maria Betty Coelho Silva em seu livro *Contar Histórias – Uma Arte sem Idade*. Nele, ela explicita a importância da escrita e contação de histórias no processo de formação e desenvolvimento infantil, ressaltando a possibilidade que a fantasia possui em delinear seu entendimento sobre a realidade e contribuir para que crianças enfrentem questões emocionais ou cognitivas.

A história permite a autoidentificação, favorecendo a aceitação de situações desagradáveis, ajuda a resolver conflitos, acenando com a esperança. Agrada a todos, de modo geral, sem distinção de idade, de classe social, de circunstância de vida. (SILVA, 1999, pp. 12).

bell hooks também comenta sobre o poder cura e inclusivo que histórias proporcionam em meio a uma sala de aula. Em seu livro *Ensinando Pensamento Crítico, no Ensino 9 – Contar Histórias*, Hooks descreve como por anos teve dificuldade em compartilhar histórias pessoais, acreditando que se apoiasse tal método jamais poderia ser considerada como acadêmica. Foi apenas com o compartilhamento de certos eventos em sua vida que ela pode perceber como a prática lhe trazia paz e calma, refletindo sobre tudo que havia passado e entrando em termos com seus traumas. hooks também conduziu o exercício em sala de aula com seus alunos, como ela descreve na citação a seguir.

As transformações ao longo do meu processo de autorrealização e crescimento também alteraram meu trabalho em sala de aula. Ao descobrir que histórias ajudavam estudantes a pensar criticamente, compartilhei as minhas e incentivei estudantes a compartilharem as suas. Usamos a escrita espontânea de textos que

depois líamos em voz alta para outra pessoa. Esse exercício nos permite ouvir cada história individual e também nos dá oportunidade de ouvir a voz de cada um. A escuta ativa nos aproxima. Os estudantes escutam as histórias uns dos outros com uma intensidade que nem sempre existe durante uma palestra ou um debate em sala de aula. Uma das formas de nos tornarmos uma comunidade de aprendizagem é compartilhar e receber as histórias uns dos outros; é um ritual de comunhão que abre nossas mentes e nossos corações. Quando compartilhamos de formas que contribuem para nos conectar, conhecemos melhor uns aos outros. (hooks, 2020, pp. 92).

A inclusividade que a contação de histórias permite, como comentado acima tanto por Silva quanto por Hooks, foi com certeza um dos fatores que mais me atraíram à escrita. Durante minha infância, principalmente ao longo do Ensino Fundamental, fui uma criança bastante tímida e introvertida, uma característica refletida em minha personalidade até hoje de certa forma. Transcrever pelo papel como sentia por essa realidade profundamente me ajudava em compreender-me e a autoria que fui capaz de desenvolver ao longo destes momentos bucólicos onde havia apenas o papel, o lápis, a borracha e meus pensamentos com certeza me inspiraram a seguir pelo meio artístico futuramente.

O conceito de criar histórias como forma de terapia para enfrentar as adversidades pode ser encontrado no quarto capítulo do livro *Writing as a Way of Healing: How Telling Stories Transform our Lives* (Escrita como uma Forma de Cura: Como contar histórias Transforma nossas Vidas), da professora Louise DeSalvo, onde ela expõe a importância de conseguir extravasar seus sentimentos através da escrita, como a citação abaixo evidencia.

O processo de escrita, não importa quanto tempo dediquemos a ele, contém um tremendo potencial de cura. Em parte, isso ocorre porque a escrita nos distrai de nossos problemas. Por meio da escrita, cultivamos a qualidade da absorção — tornando-nos profundamente imersos em nosso trabalho. Isso nos aquieta e acalma ou, paradoxalmente, nos envolve, quer estejamos escrevendo sobre momentos agradáveis ou sobre dor psíquica contínua. (DESALVO, 2000, pp. 73, tradução nossa).

Por outro lado, mesmo quando imerso nesse universo de fantasia e imaginação, não foi incomum de meu trabalho ser censurado ou remodelado pelas figuras de autoridade que me cercavam quando mais novo. Como explicado no capítulo anterior, tanto meus professores quanto meu pai chegaram a questionar o conteúdo que eu produzia, e para meu infortúnio, algumas vezes fui obrigado a alterar aquilo que escrevia para adequar-se as medidas impostas.

Tamanha foi a frustração que senti pela censura do que vinha produzindo que meu trabalho escrito simplesmente cessou por alguns meses até que minha paixão fosse reacendida graças ao curso “Fanzines nas Zonas de Sampa”, e mesmo assim, por certo período segui

temeroso que o conteúdo presente em minha escrita pudesse ser reprovado mais uma vez, fosse por um ajustamento à conformidade ou moralismo religioso.

A repressão à imaginação infantil é um tópico recorrente no livro *Growing Up Creative: Nurturing a Lifetime of Creativity* (Crescendo Criativamente: Nutrindo uma Vida de Criatividade), escrito por Teresa M. Amabile. Nele, ela explica como um ambiente que reprime as ideias presentes na mente de uma criança pode ser extremamente prejudicial a seu desenvolvimento imaginativo, até mesmo aniquilando qualquer semblante fantasioso que o sujeito algum dia demonstrava.

A paixão não é invulnerável. Mesmo as crianças mais fortemente motivadas podem ser seriamente prejudicadas por ambientes inibitórios e, como resultado, a sua criatividade pode ser destruída. Onde encontramos esses ambientes? Serão eles a marca registrada de sistemas escolares rigidamente tradicionais e de famílias autoritárias e antiquadas? Infelizmente, esses ambientes inflexíveis e conservadores não são os únicos culpados. Mesmo aqueles de nós que têm intenções inteiramente divinas podem inadvertidamente criar climas que são prejudiciais à saúde da criatividade dos nossos filhos. (AMABILE, 1989, pp. 71, tradução nossa).

Acredito que um dos fatores que mais inibem o desenvolvimento da criatividade em crianças seja nosso próprio desdém a suas manifestações. Consideramos habitualmente seus trabalhos como apenas breves momentos de recreação, sequer concebendo o empenho ou processo criativo que pode ter circulado a cabeça do jovem. Também é comum assumirmos que qualquer conteúdo consumido ou destinado a crianças é apenas ordinário, e livros, desenhos ou filmes que possam os atrair desmerecem nossa atenção. O escritor Peter Hunt descreve um pouco desta presunção nossa no livro *Criticism, Theory and Children's Literature* (Crítica, Teoria e Literatura Infantil), onde ele enfatiza este aspecto principalmente no estudo de livros infantis.

A importância de examinar as bases dos nossos julgamentos pessoais, e de não os igualar a algum padrão absoluto ou ao que o estabelecimento literário / educacional prescreve, é acentuada pelo fato de que a maioria dos leitores deste livro provavelmente serão – ou serão forçados à posição de ser - juizes ou prescritores, pessoas com posição de poder sobre as crianças, como escritores, editores, professores ou pais. Há, penso eu, uma tensão entre o que é “bom” no abstrato rompido, o que é bom para a criança social, intelectual e educacionalmente, e o que nós, realmente e honestamente, pensamos ser um bom livro. (HUNT, 1991, pp. 15, tradução nossa).

E sinceramente, esse arbítrio inconsciente a respeito de meu trabalho ainda me assombra de tempos em tempos. Ao longo das primeiras semanas que comecei a idealizar este TCC ainda em 2021, minha consciência por acaso me inquiria se o tema que almejava tanto estudar era

verdadeiramente importante ou significativo para o meio artístico. E em alguns momentos, fosse por comparação aos trabalhos de colegas ou pelas crises existenciais diárias, costumava julgar tudo aquilo que vinha criando meramente como uma insignificância. Hoje, consigo compreender que a própria problematização que sinto a seu respeito torne-o relevante para as artes, mas durante os últimos anos senti uma tremenda dificuldade em conjecturar isso.

E o que mais me entristece é que já consigo perceber este julgamento involuntário atravessar as crianças da geração atual. Enquanto cursava a formação de licenciatura, tive a oportunidade de trabalhar no Colégio São Francisco Xavier como estagiário e auxiliar da sala de artes para as aulas dos 1º aos 5º anos. Desde a minha vinda a escola em outubro de 2023, pude perceber como os alunos mais novos sempre chegavam ao ateliê com um verdadeiro desejo em expressar-se artisticamente, pouco se importando com opiniões externas a aparência ou apresentação de seus trabalhos.

Já nos alunos mais velhos, reparei uma profunda hesitação a respeito de sua própria arte, e mesmo possuindo uma técnica muito mais avançada do que suas contrapartes jovens, diversos simplesmente desistiam das atividades sugeridas, julgando-se como “incapazes de desenhar” ou “sem jeito para artes”. Outro detalhe que constatei foi a falta de inovação que muitos demonstravam em seus trabalhos, apenas copiando graficamente o exercício de algum colega por achá-lo bonito ao invés de elaborar algum projeto próprio.

Também acho importante ressaltar que a escola onde atuei parte de uma visão de mundo católica, e o ambiente, assim como os estudantes, estão imersos nessa perspectiva. Embora seja possível especular que a atmosfera restritiva do meio clerical pode ter alguma influência em sua carência de criatividade ou imaginação, até mesmo alunos não praticantes do cristianismo também exibiam tal dificuldade.

E é por causa dessa terrível adversidade que reconheci tanto em mim quanto nos meus alunos, que almejo desenvolver maneiras de combater essa crescente inquietação e através do que venho produzindo e estudando pelos últimos anos, plenamente acredito que encorajar a criatividade e imaginação de crianças através da escrita fantástica pode ser um excelente caminho para despertar sua formação artística.

Como comentei no início deste capítulo, o ato de escrever histórias fantásticas foi uma das maneiras que descobri para encontrar-me no mundo, e era justamente através dela que conseguia expressar-me livremente, sem a presença de um julgamento próprio ou externo a respeito de sua estética ou aparência. Suponho que trazer este exercício para jovens que sofrem

dessa fortíssima comparação gráfica com os trabalhos de seus colegas seja uma maneira benevolente de estimular os princípios de sua artisticidade.

É também curioso refletir como a escrita em princípio me ajudou a compreender a sociedade onde vivemos, e atualmente a utilizo em meus trabalhos para elucidar diversas pautas sociais bastante presentes em nossa sociedade. Embora o universo que venho criando tenha bastante influência na chamada Idade Média europeia, o que para o consenso de alguns denota um instante de tradicionalismo ou conservantismo excessivo, sempre procuro oferecer temas pertinentes aos da atualidade, como questões de gênero e sexualidade, sistemas políticos ou direitos civis. Um exemplo a isso em meu trabalho é a sociedade élfica, que apesar de ter sido atravessada por um rígido sistema de castas baseadas em suas diferentes etnias, adotou uma noção plural de gênero graças a sua infindável imortalidade.

Como explorado por Anita Novaes Prades no subtítulo *Imaginar é resistir* em sua dissertação de mestrado *Trajetórias de um fio de rio: narrar por imagens no contexto do livro ilustrado*, a prática da imaginação por meio da literatura não tem como função única promover a personalidade da criança e da mesma forma atua como um potencial agente transformador em sua vida. Na citação abaixo, Anita comenta sobre um artigo escrito pela educadora colombiana Yolanda Reyes intitulado *Mundos possíveis: explorar a fantasia... para explorar a realidade*, onde ela comenta sobre o uso imprescindível da imaginação e criatividade no meio educativo.

Nas considerações de Yolanda Reyes, vemos o exercício da imaginação não apenas como uma prática necessária ao desenvolvimento individual, mas também como possibilidade de reinterpretação do mundo, como uma atividade de alcance coletivo, como agente potencial de transformação. Ampliar o repertório de narrativas e interpretações de mundo, nesse sentido, está no cerne do impulso para se “desenhar configurações novas do visível, do dizível e do pensável, e, por isso mesmo, uma paisagem nova do possível” (PRADES, 2019, pp. 65).

Assim como vivenciado comigo, a percepção social desenvolvida através da escrita tem o poder de provocar profundas reflexões sobre a modernidade nos alunos, os fazendo questionar certos aspectos do *status quo* com uma visão mais questionadora e introspectiva. Essa questão é discutida no livro *A arte da palavra e da escuta*, onde a escritora Regina Machado discute sobre o uso de ponderações da realidade em meio a escrita, defendendo o ato de escrever, bem como contar histórias, como uma maneira de preservar a cultura e impelir a imaginação e empatia dos jovens.

É nesse caos de começo de milênio que a imaginação criadora pode operar como a possibilidade humana de conceber o desenho de um mundo melhor. Por isso, talvez a arte de contar histórias esteja renascendo por toda parte. Os contos milenares são

guardiões de uma sabedoria intocada, que atravessa gerações e culturas: partindo de uma questão, necessidade, conflito ou busca, desenrolam trajetórias de personagens exemplares, ultrapassando obstáculos e provas, enfrentando o medo, o risco, o fracasso, encontrando o amor, o humor, a morte, para se transformarem ao final da história em outros seres, diferentes e melhores do que quando o conto começa. O que faz com que nós, narradores, leitores e ouvintes, nos vejamos com outros olhos. (MACHADO, 2015, pp. 34).

Ponderando a respeito dessas questões que tanto me permearam em vida e observando com angústia os anseios de meus alunos, ansiei por construir caminhos que pudessem trazer aos jovens a mesma paixão que tenho a escrita fantástica como forma de estimular sua artisticidade e pensamento crítico. Inspirado nesse meu desejo, iniciei a elaboração de um projeto, como veremos no capítulo a seguir.

4 COMO CRIAR E CONTAR?

Ao longo da elaboração deste projeto final, refleti sobre as etapas de aprendizagem que experienciei ao longo da vida, considerando principalmente os aspectos que mais me impactaram, tanto de forma negativa quanto positiva, durante meu desenvolvimento educacional.

Dentre os aspectos que mais me impactaram está a autonomia artística que pude desfrutar em minhas produções, um fator bastante exercido enquanto estava matriculado na EMIA ou no projeto “Fanzines nas Zonas de Sampa”. No decorrer dos projetos que realizávamos em ambas, embora ainda houvesse uma contínua orientação por parte dos professores, como alunos estávamos livres de qualquer amarra imposta, podendo nos expressar espontaneamente através da arte.

Como comentado no segundo capítulo, enfrentei diversos instantes no passado onde minhas produções acabaram censuradas ou repreendidas devido a um certo moralismo ou por não se adequarem ao *status quo*, e é justamente disso que procuro arduamente me distanciar, empregando a mesma independência artística que tanto desfrutei nos cursos mencionados anteriormente, almejando desenvolver uma autoria individual em cada aluno.

Durante o desenvolvimento, também ponderei a respeito do espaço onde o projeto poderia ocorrer. Em princípio, imaginei que uma sala de aula de educação formal seria um palco adequado para sua realização, mas compreendi que caso quisesse buscar uma prática de ensino diferenciada, teria que optar por outro lugar. Digo isso pois tanto em minha experiência escolar, quanto na instituição que atualmente estagio, consegui perceber a indiferença que muitos alunos apresentam ao ambiente escolar, considerando o recinto como local de ida “forçada”, algo até mesmo refletido em *Pedagogia do Oprimido* de Paulo Freire, onde ele apresenta a escola como um local de opressão que traduz o aprendizado como uma obrigação passiva e desmotivadora.

Os educandos, alienados, por sua vez, à maneira do escravo na dialética hegeliana, reconhecem em sua ignorância a razão da existência do educador, mas não chegam, nem sequer ao modo do escravo naquela dialética, a descobrir-se educadores do educador. (FREIRE, 1987, pp. 38).

Devido a essa problematização, considerei mais alguns possíveis espaços e cheguei à realização que um local exemplar para a prática deste projeto seria uma biblioteca. As duas

edições da oficina “Fanzines nas Zonas de Sampa” que participei quando mais novo ocorreram exclusivamente em diversas bibliotecas públicas por São Paulo, e a vasta gama de livros e documentos livremente à nossa disposição para o embasamento de nossos trabalhos foi com certeza um dos fatores que mais me agradou ao longo do *workshop*. E principalmente para um curso voltado à leitura e escrita, não tenho via de dúvidas que um ambiente como esse seria excepcional para as produções dos alunos.

É também de meu interesse propor aos educandos um espaço acolhedor, longe da realidade fria e distante que tanto permeia a maior parte das escolas. Paulo Freire também disserta em seu livro, já antes comentado, sobre essa relação professor-aluno, argumentando que a troca de ideias entre ambos, sem a hierarquização tão presente no meio-escolar, oferece um crescimento pessoal a todos os envolvidos.

Desta maneira, o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os “argumentos de autoridade” já, não valem. Em que, para ser-se, funcionalmente, autoridade, se necessita de estar sendo com as liberdades e não contra elas. (FREIRE, 1987, pp. 44)

O conteúdo que enfatizei no curso parte das minhas experiências com a escrita fantástica, oferecendo um ambiente de experimentação criativa ao aluno e convidando-o a contemplar novos entendimentos sobre nossa realidade. Sua estruturação também segue essa linha, tomando inspiração principalmente de minhas aulas de artes com a Prof.^a Sandra Avellar ao longo do Ensino Fundamental, onde ela primeiro nos trazia uma profunda reflexão sobre um determinado tópico para então seguirmos com a produção. Também pretendo suceder neste caminho, estabelecendo inicialmente um senso comum sobre “o fantástico” com os alunos e explorando extensões filosóficas que surgem de seu cerne, como por exemplo: “Por que o ser humano inventa histórias?” ou “Seria a ficção uma ponderação da realidade?”.

Também desejo trazer no quarto encontro, “Como criar?”, reflexões sobre nossa noção de “autoria”, e como toda história ou trabalho possui inúmeros retalhos de inspirações costurados a seu corpo. Esse discernimento é bastante explorado pela escritora búlgara Maria Popova, dissertando como a originalidade é apenas um processo de conectar pontos entre diferentes áreas de conhecimento e influências, gerando algo novo a partir destas conexões.

Para podermos verdadeiramente criar e contribuir para o mundo, temos de ser capazes de ligar inúmeros pontos, de polinizar ideias de uma riqueza de disciplinas, de combinar e recombinar estas peças e construir novos castelos. (POPOVA, 2011, tradução nossa).

Em seguida, o curso continua com a produção, introduzindo de antemão aos alunos algumas bases que podem lhe ajudar no desenvolvimento de seu projeto, sempre os instigando a explorar temas que tragam reflexões sobre nossa sociedade. Cada encontro daria ênfase em alguma particularidade deste mundo ficcional ainda em estado de criação, passando desde “os ambientes” onde a trama se passa, “os povos” que a habitam ou “os reinos” que a ocupam.

Ainda neste instante do curso, também pretendo trazer de forma mais abrangente a chamada “Jornada do Herói”, também conhecida como “monomito”. Primeiro cunhada pelo escritor estadunidense Joseph Campbell em seu livro de 1949 *The Hero with a Thousand Faces* (O Herói de Mil Faces), o termo se trata de um padrão narrativo muito recorrente nas mais diversas histórias e contos, com Campbell descrevendo o artifício como:

Um herói se aventura do mundo comum para uma região de maravilhas sobrenaturais: forças fabulosas são encontradas e uma vitória decisiva é conquistada: o herói retorna desta aventura misteriosa com o poder de conceder bênçãos a seus semelhantes. (CAMPBELL, 1949, pp. 28, tradução nossa).

Apesar da premissa ser bastante genérica, almejo utilizá-la com os alunos para compreender certos aspectos que tendem a tornar uma determinada trama “fantástica”, explorando variados mitos e folclores cuja estruturação seja bastante similar ao desenrolar do “monomito”. Também é de meu desejo subverter esse tropo, fazendo-os refletir caso toda essa jornada carece de ter proporções tão épicas ou simplesmente embasar-se na mundanidade ou em atividades cotidianas ao longo de seu desenrolar. Ademais, estes exercícios propostos, assim como os anteriores, têm como objetivo principal encorajar a criatividade no aluno, fazendo-o percorrer diferentes formas de contar e criar histórias.

Por fim, além da apresentação final, onde os alunos exibiriam suas produções para a sala, peguei emprestado uma prática bastante recorrente que fazíamos na EMIA ao final do ano, o do lanche coletivo. Me é muito nostálgico lembrar destes momentos de conversa e discussão que tínhamos rodeados por salgados, doces e bebidas açucaradas, e desejaria muito que essa mesma satisfação chegue aos educandos por meio dessa amistosa confraternização.

E assim, enfim concluí o projeto do curso que nomeei como “Horto de Histórias”, fazendo alusão a um grande jardim com inúmeros contos prestes a desabrochar e ter as mais variadas cores e formas, perfumes e tamanhos. Um breve roteiro explicando cada aula e alguns de seus objetivos segue abaixo:

Curso “Horto de Histórias”

Período Delimitado: Fevereiro – Junho (~ 22 aulas / 1h30 - 2h cada)

Faixa Etária: 13 - 15 anos

Tamanho: 15 – 20 alunos

Local p/ Prática: Bibliotecas (Similar ao “Projeto Fanzine”)

Aula	Descrição
01. O princípio	<ul style="list-style-type: none"> - Introdução ao tema, discussão com os alunos sobre suas aspirações quanto a <i>Worldbuilding</i>, interesses narrativos e temáticos e inspirações em outros meios multimidiáticos (Em geral, aula com tom mais descontraído); - Atividades com ênfase no envolvimento entre o grupo: criação de histórias em conjunto (Jogo de Cartas com Imagens / Escrita Compartilhada).
02. Por que contar?	<ul style="list-style-type: none"> - Refletir com os alunos os possíveis motivos e razões pelo qual a humanidade segue criando histórias, fantásticas ou não (religião, de posturas, compreensão sobre o mundo natural, fábula / folclore, herança de tradição-oral, ficção como ponderação sobre a realidade, escrita como vertente artística etc.); - Atividade de compartilhamento de histórias entre a turma (passadas por familiares / “causos” do núcleo familiar), ou solicitar como tarefa de casa se os alunos não souberem expressar alguma.
03. Como contar?	<ul style="list-style-type: none"> - Refletir com os alunos maneiras de se contar histórias, seja de forma escrita, visual ou oral. (Também discutir a concepção de narrador e suas vertentes no meio literário, destacando a finalidade e utilização do artifício.); - Atividade de escrita/contação com outra perspectiva, adaptar algum conto, fábula ou história facilmente reconhecida para a perspectiva de algum outro elemento já presente na narrativa. (Ex. <i>Chapeuzinho Vermelho na percepção do estômago do Lobo</i>)

	/ <i>Três Porquinhos na percepção de um dos tijolos da última casa.</i>)
04. Como criar?	<ul style="list-style-type: none"> - Discutir com os alunos o que configura “autoria” sobre um autor/contador e explicar como o processo de criação inerente a cada sujeito é influenciado por uma miríade outras inspirações (Nada é unicamente original / Trazer referências a Maria Popova como argumentação.); - Pedir aos alunos que tragam referências de interesse a sua própria produção / Elementos diversos que gostariam de incorporar a seu universo fantástico.
05. Existência	<ul style="list-style-type: none"> - Retomar o conceito de <i>ficção como ponderação sobre a realidade</i> brevemente explorado na <i>Aula 02</i> e discutir com os alunos conceitos e ocorrências presentes em nosso mundo que possam ser percorridos no meio ficcional. (Compreender a realidade como análoga a ficção e vice e versa.). - Pedir aos alunos que produzam um breve trabalho como metáfora de algo presente em nossa sociedade.
06. Os pilares	<ul style="list-style-type: none"> - Explicar aos alunos alguns eixos base que podem ajudá-los na formação de um universo fantástico (evidenciar o foco para as próximas aulas): Objetivo e Propósito, Tipo de Mundo, Tamanho e Forma (Escopo), Geografia, Cultura e Sociedade e Consistência e Realismo. - Dividir os alunos em grupos e pedir a eles que realizem uma pesquisa sobre determinados subgêneros da ficção especulativa (<i>High e low fantasy</i>, realismo mágico, <i>Sword & Sorcery</i>, <i>dark fantasy</i>, variantes <i>punks</i> etc.)
07. Os reinos	- Passar com os alunos as apresentações aos temas desenvolvidos e as complementar com temas ainda não explorados. (Dar ênfase especial ao comentar sobre distopia e utopia como conceitos

	<p>filosóficos, explorando como cada um reflete uma necessidade social em nosso mundo);</p> <ul style="list-style-type: none"> - Definir com cada aluno qual vertente (ou mistura de gêneros) é de sua preferência para a elaboração do projeto final.
08. O reinado	<ul style="list-style-type: none"> - Passar com os alunos meios e sistemas de governo existentes (ou não!), e compreender como que tais podem se encaixar de acordo com a mensagem que a narrativa deseja transmitir (<i>Ex. Opressão vinda de algum poder maior, individualidade como sistema eletivo, igualdade diante da população etc.</i>); - Relacionar o meio com <i>Objetivo e Propósito</i> mencionado na <i>Aula 06</i> e pedir aos alunos que produzam uma nação de acordo com sua proposta narrativa.
09. A prole	<ul style="list-style-type: none"> - Discutir com os alunos os possíveis povos e criaturas habitantes em seus universos (Passar por seres folclóricos em diferentes culturas e desafiar suas concepções e como a consciência humana prefere associar cada um.); - Desafiar os alunos com as perguntas “Como são as relações entre os povos de seu mundo? Todos vivem em harmonia?” (Relações pacíficas são possíveis ou violência é inevitável?) / Começar a desenvolver os povos e nações ao entorno de seu universo; - Pedir aos alunos que definam o povo, cultura e sociedade da nação primeiro formada na <i>Aula 08</i>.
10. O terreno	<ul style="list-style-type: none"> - Discutir os possíveis biomas e climas que podem estar presentes no universo e qual sua relação com os povos que a habitam: Humanidade X Natureza / Industrialização X Mundo Natural / Como relacionar o mundo natural com a narrativa (<i>Ex. Duna, Crônicas de Gelo e Fogo, Princesa Mononoke</i>);

	<p>- Pedir aos alunos que definam a presença do mundo natural em sua nação, e explorar como tal influência na vida daqueles a habitam.</p>
11. A extensão	<p>- Explorar o conceito de tempo e como sociedades mudam com o seu passar: Nada é imortal, tudo retorna ao pó / Como percebemos o tempo? / A mudança que o tempo traz / É possível lembrar de tudo que já aconteceu?);</p> <p>- Sugerir aos alunos que criem uma linha do tempo referente a sua nação, de sua criação a seu inevitável fim, definindo o período no qual desejem que a trama discorra.</p>
12. O registro	<p>- Discutir os possíveis meios pelo qual o povo da trama pode registrar o que se passa em sua nação (livros, mapas, cartas, artigos etc.) / Demonstrar aos alunos como qualquer forma de observação possui alguma orientação, seja política ou pessoal;</p> <p>- Desenvolver com eles um mapa de sua nação / outro possível registro (Realizar mapeamento com a técnica do feijão / recortes e colagem.)</p>
13. O comum	<p>- Início do desenvolvimento de personagens na trama: Explorar com os alunos a possível simplicidade que determinados sujeitos vivem mesmo com o aspecto fantástico no qual estão envolvidos, desconectados da história;</p> <p>- Sugerir um documento registrando o dia a dia de algum personagem mundano em meio a nação / exploração do “comum” (Ex. rotina, diário, carta etc.)</p>
14. O chamado	<p>- Discutir as possíveis razões pelo qual a personagem criada na <i>Aula 13</i> poderia sair da conformidade para se mesclar a natureza fantástica daquele universo (Possíveis motivações de acordo com a personalidade, características da personagem / Certo</p>

	<p>objetivo a ser alcançado, evento que muda sua vida pelo restante da trama);</p> <p>- Mais uma vez, registrar a mudança na vida do protagonista da mesma maneira como explicado na aula anterior.</p>
15. O trajeto	<p>- Explorar o caminho da personagem até o cumprimento de seu objetivo: O que as dificuldades e obstáculos em seu caminho representam? / Existem aliados que o protagonista encontra? / Sua personalidade muda durante o caminho? E seu objetivo? (Mudanças naturais ou não ao longo da vida / amadurecimento);</p> <p>- Novamente, pedir aos alunos que registrem de alguma forma, como comentando na aula anterior, os acontecimentos durante o “trajeto” / Colocar a percepção dos outros personagens envolvidos na trama (opiniões diferentes.)</p>
16. A provação	<p>- Imaginar como o protagonista se envolve com a conclusão de seu trajeto: Qual o seu grande objetivo? / Como a personagem decide resolvê-la? / As dificuldades apresentadas são similares ao que sofreu no trajeto? / O protagonista realmente concluí sua jornada?;</p> <p>- Mais uma vez, sugerir aos alunos alguma forma de registro dessa conclusão.</p>
17. A volta	<p>- Discutir como é a conclusão (ou não!) do grande objetivo da protagonista: Como isso impacta sua percepção anteriormente mundana? / A conclusão o deixa bem? Como isso impacta nas mudanças que o atravessaram durante sua jornada? / Tudo está concluído ou há algo a mais para ser finalizado? Como sua vida prossegue após tal conclusão?;</p> <p>- Mais uma vez, sugerir aos alunos alguma forma de registro dessa conclusão.</p>

18. A execução	- Aula dedicada a produção do projeto final (algum trabalho que evidencie o desenvolvimento dos alunos no campo narrativo-ficcional: artigo enciclopédico, matéria, breve conto, mapas etc.)
19. A execução	- Aula dedicada a produção do projeto final.
20. A execução.	- Aula dedicada a produção do projeto final.
21. O desfecho	- Apresentação dos trabalhos finais.
22. O desfecho	- Apresentação dos trabalhos finais + Lanche Coletivo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É indescritível descrever o efeito curativo e conciliador que escrever este TCC trouxe a minha alma. Refletir sobre toda reprovação que meus trabalhos algum dia tiveram e buscar maneiras de evitar esse mesmo profundo trauma a futuros alunos com certeza me ajudou a descansar antigos demônios que esfolavam minha mente volta e meia. Ainda que as cicatrizes de suas garras sigam machucando minhas memórias, pelo menos agora consigo os manter engaiolados e impedir mais de suas agressões.

Por mais curioso que seja, há apenas três anos possuía ideia alguma de qual conteúdo explorar quando chegasse a meu último na Graduação, e após minha simples conversa com o Prof. Pelopidas em meados de 2021, era se como já estivesse preparado com todo conteúdo para propriamente desenvolvê-lo. O processo, por mais árduo que algumas vezes tenha sido, foi bastante gratificante e relembrar os livros, filmes, jogos e quadrinhos que me impactaram tanto quando mais novo me fez apenas apreciá-los ainda mais e toda bagagem cultural que trouxeram a meus trabalhos.

Como comentado excessivamente ao longo deste trabalho, conceber um diálogo entre o que há na ficção e o que nos assola no mundo real é importantíssimo para desenvolvermos novos entendimentos sobre nossa realidade. Questionamentos, não apenas em nossa sociedade contemporânea, mas a acontecimentos passados como um todo, podem trazer profundas reflexões a quem os lê, e em meu TCC de Bacharelado, produzido em conjunto com este ao longo do ano, explora mais esse argumento, onde crio e ilustro um pequeno livro contendo alguns dos povos e cultural que criei entre 2020 e 2021.

Quanto ao projeto de curso que criei, por sua vez, também pretendo executá-lo de fato em algum instante futuro, seja em alguma instituição que esteja lecionando ou trazê-lo de forma independente em alguma biblioteca ou livraria. Para minha sorte, alguns amigos e colegas próximos possuem contatos com organizações vinculadas ao meio de RPG ou literatura fantástica e afortunadamente algumas parecem demonstrar interesse pelo conteúdo que tenho a oferecer. Caso essa possibilidade de torne verdadeira nos próximos anos, terei o maior deleite em ensinar a meus alunos aquilo que regamente amo.

Por fim, gostaria de encerrar este trabalho de conclusão de curso mencionando uma citação de J.R.R. Tolkien em seu ensaio de 1947 intitulado *On Fairy Stories*, onde ele argumenta

a existência de histórias fantásticas como uma real vertente literária. Quem dera eu tivesse encontrado este texto enquanto desenvolvia os capítulos aqui contidos, já que seu conteúdo dialoga fortemente com que expresseo ao longo deste trabalho. De qualquer forma, genuinamente me emociono ao ler as palavras Tolkien, me fazendo refletir a tamanha importância que fantasia têm em minha vida.

A fantasia é uma atividade humana natural. Ela certamente não destrói ou mesmo insulta a Razão; e ela não embota o apetite nem obscurece a percepção da veracidade científica. Pelo contrário. Quanto mais aguçada e clara for a razão, melhor será a fantasia. Se os homens estivessem em um estado em que não quisessem saber ou não pudessem perceber a verdade (fatos ou evidências), então a Fantasia definharia até que eles fossem curados. Se eles chegassem a esse estado (não pareceria impossível), a Fantasia pereceria e se tornaria Ilusão Mórbida. (TOLKIEN, 1947, pp. 27, tradução nossa).

REFERÊNCIAS

AMABILE, Teresa M. **Growing Up Creative: Nurturing a Lifetime of Creativity**. 2. ed.: Creative Education Foundation, 1992. 212 p.

CAMPBELL, Joseph. **The Hero with a Thousand Faces**. 1. ed. [S. l.]: Princeton, 1949. 403 p.

DESALVO, Louise. **Writing as a Way of Healing: How Telling Our Stories Transforms Our Lives**. [S. l.]: Beacon Press, 2000. 240 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. [S. l.]: Paz e Terra, 1987. 129 p.

hooks, bell. **Ensinando Pensamento Crítico: Sabedoria Prática**. 1. ed. [S. l.]: Editora Elefante, 2020. 294 p.

HUNT, Peter. **Criticism Theory and Children's Literature**. [S. l.]: Blackwell Pub, 1991. 276 p.

LEE, Peter C. **World of Warcraft Chronicle**. 2016. 1 ilustração. Disponível em: https://static.wikia.nocookie.net/wowpedia/images/6/6a/World_of_Warcraft_Chronicle_Volume_1.jpg/revision/latest/scale-to-width-down/250?cb=20160219182357. Acesso em: 18 out. 2024.

MACHADO, Regina. **A arte da palavra e da escuta**. 1. ed. rev. e aum. [S. l.]: Reviravolta, 2015. 280 p.

POPOVA, Maria. **Networked Knowledge and Combinatorial Creativity**. [S. l.], 2011. Disponível em: <https://www.themarginalian.org/2011/08/01/networked-knowledge-combinatorial-creativity/>. Acesso em: 04 nov. 2024.

PRADES, Anita. **Trajetórias de um fio de rio: Narrar por imagens no contexto do livro ilustrado**. Orientador: Prof.^a Dr.^a Rita Luciana Berti Bredariolli. 2019. Dissertação (Mestrado em Artes) - UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO” INSTITUTO DE ARTES – CAMPUS SÃO PAULO, [S. l.], 2019. p. 228.

ROBINS, ARTHUR. **Seriously Silly Stories**. 2 ilustrações. 1999. Disponível em: <https://www.anholt.co.uk/seriously-silly-stories/>. Acesso em: 18 de out. 2024.

SILVA, Maria B. C. **Contar Histórias: Uma Arte sem Idade**. 10. ed. [S. l.]: Ática, 1999. 78 p.

SMITH, Lane. **Stinky Cheese Man and Other Fairly Stupid Stories**. 1992. 2 ilustrações. Disponível em: <https://www.lanesmithbooks.com/stinky-cheese-man-1?itemId=q4yg8b966x5tyqzhl1nbs5ugp7ebb0>. Acesso em 18 de out. 2024

TOLKIEN, J. R. R. **On Fairy-Stories**. [S. l.]: Oxford University Press, 1947. 60 p.